

[Cenários]

Emergentes emergentes

Além dos países do acrônimo BRIC –Brasil, Rússia, Índia e China–, outras economias emergentes têm interessado os investidores internacionais. Agrupadas sob codinomes como VISTA e N-11, elas merecem atenção

Elas viraram moda nos anos 1980, pelas mãos de Antoine van Agtmael, economista do Banco Mundial. Desde então, os mercados emergentes –esses que o universo dos negócios observa com interesse enquanto eles percorrem, com maior ou menor instabilidade e sucesso, e sempre com turbulência, o caminho até o desenvolvimento– têm sido agrupados e reagrupados infinitas vezes. Com a crise hipotecária e a recessão norte-americanas gerando correntes adversas na economia mundial e o hiperinvestimento na China e na Índia, os capitais planetários vão atravessando as fronteiras e indo cada vez mais longe dos centros tradicionais. E começam a aparecer, na mira estratégica dos investidores, empresas, países e mercados cada vez menos óbvios.

Os dois gigantes da Ásia, China e Índia, viraram moda antes de integrar, com o Brasil e a Rússia, o grupo BRIC, citado pela primeira vez em 2001 por Jim O’Neill, especialista em mercados emergentes do banco de investimentos Goldman

Sachs, em um trabalho no qual assegurava que se converteriam em grandes *players* globais em 2050. Como diz um informe do *Euromonitor*, esses já “velhos conhecidos” voltaram a se consagrar em 2003 como os países em desenvolvimento de crescimento mais rápido e com maior potencial econômico.

Mas vale a pena observar a “camada” que continua buscando novas promessas. Não faz muito tempo que o Vietnã, a Indonésia, a África do Sul, a Turquia e a Argentina, cada qual com suas características, integraram-se em outro *pack* de mercados a serem acompanhados com atenção: o VISTA. E também o Goldman Sachs, em um estudo no qual analisava a solidez dos mercados BRIC, adiantou que havia 11 economias que poderiam ganhar destaque nas décadas seguintes por seu tamanho projetado: Bangladesh, Egito, Indonésia, Irã, Coréia do Sul, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Turquia e Vietnã. Chamou-as de as *Next 11*, as “próximas 11”, ou simplesmente N-11. As



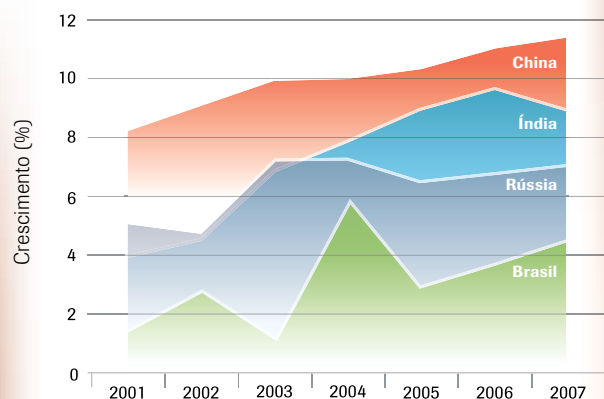
oportunidades nesses países são tão grandes como os retornos e os riscos. “Uma das diferenças entre um mercado emergente e um desenvolvido está em que no primeiro sempre existe a probabilidade de perdas catastróficas”, lembra um especialista.

As 11 que vêm caminhando

As N-11 têm em comum dois fatores: população em rápido crescimento –todas superam os níveis das economias desenvolvidas–,

com significativa capacidade industrial, real ou potencial. Isso implica um mercado consumidor em expansão no médio prazo, gerando oportunidades tanto para as empresas locais como para as internacionais. Entretanto, é preciso levar em conta que essas características compartilhadas têm diferentes aspectos para cada integrante do grupo. Por exemplo, o crescimento do produto interno bruto no México caiu de 4,8% em 2006 para 2,9% em 2007 por

O mundo BRIC e sua renda crescente



Fonte: Euromonitor Internacional (Fundo Monetário Internacional, International Financial Statistics e World Economic Outlook/ONU/National Statistics).

culpa da forte ligação com a economia norte-americana, em desaceleração. Em 2006, 85,8% das exportações mexicanas se destinavam aos Estados Unidos. Ao contrário, o PIB do Vietnã, também membro do grupo, cresceu 8,3%, impulsionado basicamente pela explosão do turismo e das exportações têxteis, assim como pela diversificação dos mercados receptores de seus produtos.

Entre as N-11 há economias em desenvolvimento e economias recentemente industrializadas. As últimas têm maior capacidade manufatureira e estão dando os primeiros passos na exportação de produtos industrializados; as primeiras são ainda, em grande parte, dependentes das exportações de produtos primários, como acontece com Bangladesh, Irã, Nigéria, Paquistão e Vietnã. Todas as demais pertencem ao outro subgrupo, menos a Coreia do Sul, que já poderia ser considerada economia desenvolvida por seu alto nível de industrialização

e relativa estabilidade macroeconômica. As N-11 também diferem entre si no ambiente mais ou menos propício para negócios e investimentos. A título de ilustração, pode-se destacar que, nesse aspecto, a Coreia do Sul, colocada na trigésima posição entre os 178 países considerados pelo Banco Mundial, é a mais qualificada na hora de avaliar a facilidade para fazer negócios. Irã, o pior do grupo, ocupa o 135º lugar. Nenhuma surpresa.

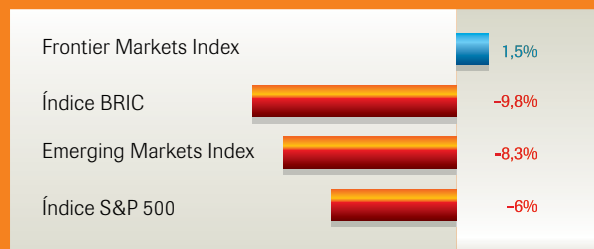
Ainda que o potencial de crescimento das N-11 seja significativo e fundamentado, há riscos que podem fazê-las fracassar, alguns óbvios, como a instabilidade política, o terrorismo ou as variações nos preços globais das *commodities* –por exemplo, todos os países, exceto a Coreia, são produtores de petróleo.

Países fora das siglas, mas promissores

É um erro colocar todos os países emergentes no mesmo balaio. Há diferenças nacionais e regionais. Na África, as economias com

Ações e emergentes: a nova fronteira

O Frontier Markets Index, da Morgan Stanley Capital International, índice criado há não muito tempo, reúne 19 economias emergentes de todo o mundo: Bulgária, Croácia, Estônia, Cazaquistão, Romênia, Eslovênia, Ucrânia, Quênia, Maurício, Nigéria, Tunísia, Líbano, Bahrein, Kuwait, Omã, Qatar, Emirados Árabes Unidos, Sri Lanka e Vietnã. Em fevereiro de 2008, o desempenho desse índice superou o Emerging Markets Index, também da Morgan Stanley, e a China, a Índia, o Brasil e a Rússia individualmente.



Fontes: Morgan Stanley Capital International, Investor's Business Daily.

maior potencial crescem de maneira mais lenta, porém mais equilibrada. A necessidade de investir em infra-estrutura é reconhecida. Como ilustração, a África do Sul planeja aumentar sua capacidade de geração de energia elétrica, enquanto a Argélia pretende investir US\$ 50 bilhões em moradias durante os próximos cinco anos. Em 2007 foram anunciados, segundo dados da Thomson Financial, mais de US\$ 60 bilhões em fusões e aquisições, 47% mais do que no ano anterior. O investimento estrangeiro direto no continente chegou a US\$ 35,6 bilhões, duas vezes o total aplicado em 2004.

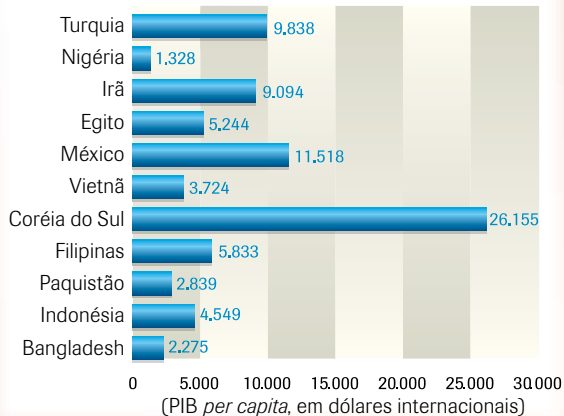
Já no mundo árabe, a partir de 2001, os países que antes preferiam investir seu capital internamente ou emigrá-lo para os Estados Unidos ou para o Reino Unido agora reinvestem nas diferentes economias da região,

em um verdadeiro *boom* impulsionado pelo preço do petróleo, em alta constante.

Como se vê, embora os economistas prefiram reduzir as expectativas de crescimento global para acompanhar o ritmo da economia norte-americana, esses países "emergentes emergentes", como são chamados, têm dinâmica própria. Por exemplo, os vínculos comerciais entre o grupo BRIC e alguns dos "mercados de fronteira" da Morgan Stanley (veja quadro acima) cresceram consideravelmente. E os principais *players* asiáticos exportam mais entre países da própria região do que para o resto do mundo. Por isso David Wyss, economista da Standard & Poor's, afirma: "Não há dúvida de que os menores países do mundo serão hoje menos afetados pela recessão dos Estados Unidos que [o teriam sido] há 15 anos".

Os números das N-11

Paridade de poder aquisitivo



Fonte: Euromonitor International (Fundo Monetário Internacional).